



## Semiótica e intertextualidade: um estudo da presença do *Minimanual do guerrilheiro urbano* na rede entre 2010 e 2016

Oriana de Nadai Fulaneti (UFPB)\*

**Resumo:** Este trabalho consiste na investigação dos modos de (re)inserção de uma obra na rede quase meio século após o surgimento de sua versão original, o qual ocorreu em um momento “pré-internet”. A obra escolhida é o *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, escrito em 1969 por Carlos Marighella, e o material investigado são retomadas ao *Minimanual* presentes contemporaneamente na rede. Entre o final dos anos 1960 e a metade dos anos 2010 houve mudanças socioculturais, o aparecimento de novas mídias, de novos gêneros discursivos. Diante disso, surgem algumas indagações: que motivos levam ao resgate da obra? Como se dá a apropriação da mesma? Que mecanismos discursivos contribuem para a explicação desse ressurgimento? Partindo dessas e de outras questões, nosso objetivo é verificar as categorias semióticas que predominantemente se mantêm e aquelas que mais se transformam na comparação entre o texto original e aqueles que remetem a ele meio século depois, em processos de construção de intertextualidade e da transmediação, depreendendo, assim, as diferenças e semelhanças relativas à imagem do guerrilheiro e à organização e funcionamento dos textos estudados. Como resultados, observa-se que as retomadas são motivadas pelo gênero, por elementos visuais e sobretudo por traços passionais presentes na obra original e reconfiguradas no contexto estudado.

**Palavras-chave:** Semiótica; intertextualidade; *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*; discurso digital

### Introdução

Apesar do nosso desejo de criatividade, de novidade e ineditismo, há algum tempo as teorias do discurso, sobretudo a partir do primado do interdiscurso de Bakhtin, têm como consenso a heterogeneidade da linguagem e o fato de estarmos redizendo e reformulando o dito o tempo todo. Nessa seara insere-se o presente artigo. Partindo da já óbvia condição heterogênea do discurso, nossa proposta é verificar como o *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, obra produzida de forma mimeografada em 1969, está sendo retomado contemporaneamente na rede. Inicialmente, ressalte-se que estão sendo considerados neste trabalho tanto simples menção à obra, quanto a menção acompanhada de citação de trechos.

Nos quase cinquenta anos que separam o texto original das retomadas aqui estudadas o Brasil passou por um processo de redemocratização, foi governado por mais de meia dúzia de presidentes, venceu três títulos mundiais de futebol, saiu da era do rádio e entrou na era da internet, passou a ser parte de um mundo globalizado... Diante de tantas mudanças, surgem algumas questões: por que motivos a obra é resgatada? Em quais contextos? E, mais especificamente, quais as características linguístico-discursivas desse processo?

Barros (1988, p. 142-146) apresenta o fazer enunciativo sob a perspectiva de dois percursos temáticos, o da produção e o da comunicação. O primeiro consiste no processo de elaboração de um texto e todas as escolhas enunciativas feitas para a

construção de seu sentido. O tema da comunicação observa o enunciado em um contexto sócio-histórico, considerando como este se comunica com os demais textos ao seu redor. Na continuidade da exposição, a semiótica desdobra algumas especificidades do contexto, dividindo-o em dois tipos. O contexto interno, que seria relativo às partes constitutivas do texto, ao seu funcionamento interno; e o contexto externo, o qual se associa ao enunciado enquanto elemento de comunicação. A autora ressalta que ambos os contextos podem ser depreendidos no próprio texto, não sendo necessário tecer um estudo sociológico para podermos compreender a circunstância na qual a obra se insere e/ou é recebida. Posteriormente, o conceito de práticas semióticas, cunhado por Jacques Fontanille (2005, 2008), contribui para a maior depreensão do que a autora nomeou de contexto externo.

Fontanille, no intuito de alargar os objetos de estudo da Semiótica sem perder o rigor metodológico da teoria, desenvolve uma proposta de recorte do plano da expressão em níveis de pertinência, o que resultou em seu percurso gerativo da expressão, composto dos seguintes patamares: signos, texto-enunciado, objeto, prática, estratégia e formas de vida. Uma das noções centrais desse percurso, a prática semiótica corresponde a um nível que abrange “(...) todos os elementos necessários à produção e à interpretação da significação de uma interação comunicativa.” (Fontanille, 2005, p. 24). A abordagem da prática expande as configurações enunciativas à medida

\* Professora adjunta de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal da Paraíba. Endereço de e-mail: [od.fulaneti@uol.com.br](mailto:od.fulaneti@uol.com.br)

que não se consideram mais apenas essas categorias no texto-enunciado, mas em seu uso, isto é, observa-se o tempo do uso, o espaço do uso, a relação entre actante e texto etc.

O objetivo deste trabalho é verificar as categorias semióticas que predominantemente se mantém e aquelas que mais se transformam na comparação entre o texto original e aqueles que remetem a ele quase meio século depois, em processos de construção de intertextualidade e de transmediação, depreendendo, assim, as diferenças e semelhanças relativas à imagem do guerrilheiro e à organização e funcionamento dos textos estudados. Para isso, analisam-se os contextos interno e externo da obra e dos textos nos quais ela (res)surge. Espera-se, com essa investigação, trazer algumas contribuições da semiótica discursiva para a discussão sobre as motivações e o funcionamento da intertextualidade e dos modos de presença do Outro no discurso.

Iniciaremos com a exposição da obra e a análise dos elementos considerados pertinentes para a compreensão de sua retomada. Em seguida, analisaremos as diferentes formas de ressurgimento do *Minimanual* na rede, juntamente com a explanação dos principais conceitos teóricos manejados na análise. Por fim, algumas reflexões interligando discurso na rede, semiótica, luta armada e intertextualidade.

## 1. Algumas palavras sobre a obra

Durante o período do Regime Militar brasileiro (1964-1985), uma parte da militância de esquerda, insatisfeita com a atuação da oposição, decide pegar em armas para combater a ditadura. Mais de trinta grupos armados atuaram no país entre 1968 e 1973, sendo um dos principais, pelo número de ações realizadas e de militantes, a Ação Libertadora Nacional, liderada por Carlos Marighella. No momento do auge da realização das ações armadas, em 1969, Marighella lançou o *Minimanual do guerrilheiro urbano*, um documento de 26 páginas, organizado em diversos tópicos, no qual apresenta as características e ações essenciais para a formação do guerrilheiro e da guerrilha urbana. Trata-se de um texto de caráter essencialmente prático, considerado bastante original, que se tornou conhecido em diferentes países do mundo.

Apesar de o objetivo deste trabalho não ser analisar a obra e sim suas retomadas, observa-se que algumas características do manual ressurgem com bastante frequência e seu conhecimento contribui para a maior compreensão das remissões. Nesse sentido, tomando como base os trechos a seguir, faremos uma breve análise do texto de Marighella.

1. Hoje, ser “violento” ou “terrorista” é uma qualidade que enobrece qualquer pessoa honrada, porque é um ato digno de um revolucionário engajado na luta armada contra a vergonhosa ditadura militar e suas atrocidades. (p. 1);

2. O guerrilheiro urbano é um homem que luta contra uma ditadura militar com armas, utilizando métodos não convencionais. Um revolucionário político e um patriota ardente, ele é um lutador pela libertação de seu país, um amigo de sua gente e da liberdade. (p.2)

3. As armas do guerrilheiro urbano são inferiores às do seu inimigo, mas vindo do ponto de vista moral, o guerrilheiro urbano tem uma vantagem que não se pode negar. Esta superioridade moral é o que sustem o guerrilheiro urbano. Graças a ela, o guerrilheiro urbano pode levar ao fim seu trabalho principal, que é atacar e sobreviver (p. 2);

4. O guerrilheiro urbano encarcerado vê a prisão como um terreno que deve dominar e entender para libertar-se por meio de uma operação da guerrilha. Não há prisão, nem uma ilha, ou uma penitenciária na cidade, ou uma fazenda, que não seja impregnável pela astúcia, perseverança e pelo potencial de fogo dos revolucionários (p. 17);

5. Desde agora, os homens e mulheres escolhidos para a guerra de guerrilha urbana são trabalhadores; camponeses a quem a cidade atraiu por seu potencial de trabalho (...) (p. 25).

A escolha de traços de guerra para esse movimento implica em uma luta voltada contra um adversário, considerado inimigo. O discurso enfatiza características negativas da ditadura e o seu caráter inimigo (vergonhosa ditadura, inimigo, grandes capitalistas etc.), afirmando que a condição de pobreza e repressão no país é de responsabilidade do governo.

O segundo exemplo resume, de algum modo, as principais relações interdiscursivas presentes na obra. Primeiro, a oposição à ditadura; por outro lado, os *métodos não convencionais*, expressão que se refere ao mesmo tempo a uma forma de oposição diferente daquela que vinha sendo praticada pela esquerda não armada e a uma forma de luta que, apesar de ser armada e se assumir como guerra, caracteriza-se como uma guerra *revolucionária*, com um exército *revolucionário*, não um *exército convencional*. A noção de ruptura surge como elemento central nesse discurso, pois o *revolucionário* caracteriza-se por romper com os códigos e valores já existentes e buscar construir o novo. Ainda sobre este exemplo, destaca-se um valor bastante presente no discurso, semantizado na expressão *libertação do país*. O próprio nome da

organização (Ação Nacional Libertadora) já contém um dos valores centrais a ser alcançado na guerrilha urbana, a liberdade.

O manual constrói a imagem de um guerrilheiro ideal, elencando suas qualidades, que são de duas ordens: do ser e do fazer. Enfatizam-se características morais desse sujeito (pessoa honrada, ato digno de um revolucionário engajado, patriota ardente, amigo de sua gente e da liberdade, superioridade moral). Para além de uma questão estritamente ética, o texto projeta um guerrilheiro repleto de atributos abstratos, qualidades consideradas essenciais para a luta: revolucionário, rebelde, radical, valente, audacioso, corajoso, ousado, combativo, patriota, consciente, decidido, confiante, tranquilo, seguro, firme, paciente, persistente, perseverante. Os sujeitos que optam pela luta armada são considerados indivíduos que decidem conscientemente (consciente, decidido, firme) por uma ruptura (revolucionário, rebelde, radical), e tem confiança nela (confiante, tranquilo, seguro), mesmo sabendo que a luta é longa (paciente, persistente, perseverante). Por isso, agem de forma exemplar agem de maneira exemplar (valente, audacioso, corajoso, ousado, combativo).

As competências mais concretas apontadas como necessárias para a atuação na guerra revolucionária são da ordem do saber e do poder *fazer*. Dentre elas, as mais constantes no discurso são: saber atirar; saber dirigir, pilotar avião e manejar barco; entender de mecânica, rádio, telefone, eletricidade e de técnicas eletrônicas; ter conhecimento em primeiros-socorros; ter conhecimentos topográficos e do terreno onde atua; saber copiar letras e falsificar documentos; saber produzir armas e munições etc.

Além da extensa lista de virtudes e habilidades físicas, a análise mostra ainda que, quando o assunto é tempo, encontram-se os extremos de uma frequência (sempre, nunca, jamais etc.); quando é quantidade, abrange-se a totalidade ou o nulo (todos, nenhum, nada, não há etc.); ao se falar de modo, tem-se também maneiras extremas (radicalmente, indiscriminadamente, etc.). O guerrilheiro é um sujeito que optou por uma militância extrema, o que exige uma conduta rígida, que busca, em todos os sentidos, aproximar-se do grau máximo. Esse caráter excessivo se manifesta também pela linguagem. O ator guerrilheiro caracteriza-se pelo *excesso*. Sua figura aproxima-se de um herói.

No quinto exemplo, a passagem “os homens e mulheres *escolhidos* para a guerra de guerrilha urbana” revela outra característica importante desse discurso, pois ele atribui ao guerrilheiro um *status* diferenciado, que nem todos podem alcançar. Para ser guerrilheiro não basta estar modalizado pelo querer, é preciso estar em conjunção com outros valores modais, como *saber* e *poder fazer* a

guerra revolucionária, valores esses considerados extrapositivos e, sendo uma luta “não convencional”, tendo rompido com a esquerda “convencional” e com a ditadura, seus valores são de absoluto, não de universo.

Claude Zilberberg (2004) ao discorrer sobre axiologia, propõe a distinção entre valores de absoluto e valores de universo. O primeiro seria voltado para a “unicidade e exclusividade”, este resultaria, portanto, da triagem, procurando atingir o máximo de pureza. Os valores de universo, por sua vez, operam a mistura, voltam-se para a “difusão e universalidade”.

A luta armada é uma forma extrema e exclusiva de militância, o guerrilheiro rompeu com a esquerda não armada, ao discordar dela no modo de organização do combate ao regime militar. A tentação para seus adeptos é a de realizar uma ação extremamente difícil, que os diferencia dos demais (a aproximação da figura do herói, valores extrapositivos, de absoluto). Outro elemento intensificador, que move este sujeito, consiste no ódio ao inimigo.

## 2. As formas de (res)surgimento da obra

Como foi dito anteriormente, no momento de surgimento da obra ainda não havia comunicação pela rede, tanto que o texto original foi reproduzido em mimeógrafo e suas cópias circularam clandestinamente. Distintamente, o *corpus* deste trabalho foi construído a partir de textos surgidos exclusivamente na rede. A coleta do material estudado ocorreu por meio de uma busca no *google* acionada pelas expressões “Mini-manual do guerrilheiro urbano” e “Manual do guerrilheiro urbano”, a qual teve aproximadamente quarenta e cinco mil resultados. Após uma análise prévia, selecionaram-se 120 referências para serem investigadas.

Os gêneros nos quais o *Minimanual* (res)surge são os mais variados: página no facebook; blogs; notícias, reportagens, entrevistas, artigos de opinião, páginas de enciclopédias, manuais, entre outros. Há também muitos vídeos que tratam da obra, entretanto, estes não serão considerados no presente artigo.

Voltemos às perguntas motivadoras do trabalho: o que motiva esse (res)surgimento? Quais são suas formas?

Stange (2014), refletindo sobre a transposição do conceito de enunciação para enunciados visuais, apresenta três condições que permitem a expansão do conceito para outras semioses: formal, subjetal e fenomenológica.<sup>1</sup> Observe-se que a autora traça um

<sup>1</sup> Or, afin de situer ma démarche dans le contexte plus vaste des essais d’extension du concept d’enonciation, j’identifierai trois conditions fondamentales de cet élargissement : une condition formelle, une condition

percurso que vai da estrutura interna, a formal, relativa às características intrínsecas ao conceito, passa pela relação intersubjetiva que se estabelece entre enunciador – enunciado e enunciatário, e desemboca em trocas ainda mais amplas, de caráter plurissensorial. Fazendo uma analogia com a transposição não de um conceito teórico, mas de um texto, podemos considerar essa retomada tanto de uma perspectiva formal, quanto de uma perspectiva intersubjetiva, abordando o enunciado e a intertextualidade em seus contextos interno e externo. Nessa perspectiva, apresentam-se, a seguir, as principais formas de retomada encontradas.

## 2.1 Retomadas via gênero Manual

Ao longo da pesquisa, foram encontrados manuais que, em convergência com as características do gênero, são compostos de textos curtos, divididos em vários itens e produzidos com grande presença de tipo injuntivo, trazendo ensinamentos, dicas e conselhos para o desenvolvimento de determinadas atividades.



**Figura 1:** Capa do Minimanual de Arte Guerrilha Urbana. Disponível em: [www.aparecidospoliticos.com.br](http://www.aparecidospoliticos.com.br), acesso em 21/06/2016.

subjectale, et une condition que l'on peut appeler phénoménale (Stange, 2014, p.1).



**Figura 2:** Capa do manual de ocupação das escolas. Disponível em: <http://ubes.org.br/2015/saiba-como-ocupar-a-sua-escola/>, acesso em 21/06/2016.

6. A partir da referência e memória a um dos livros mais importantes de resistência à ditadura militar, O Minimanual do Guerrilheiro Urbano, de Carlos Marighella, nos propomos a apresentar experiências de arte guerrilha realizada nos últimos três anos, pelo coletivo Aparecidos Políticos, de Fortaleza – CE. Disponível em: [www.aparecidospoliticos.com.br](http://www.aparecidospoliticos.com.br), acesso em 21/06/2016.

7. A UBES lançou um “manual de como invadir sua escola”. Está duvidando? Acesse aqui: <http://ubes.org.br/2015/saiba-como-ocupar-a-sua-escola/> Esses manuais te fazem lembrar alguma coisa? Se não, procure por algo como “o manual do guerrilheiro urbano”, do terrorista Carlos Marighella. Disponível em: <https://medium.com/@Brigada/quem-e-o-que-se-esconde-atras-das-invasoes-escolares>, acesso em 03/08/2016.

Nesse caráter, podemos destacar os seguintes manuais:

- Manual de ocupação do MST (MST);
- Manual de ocupação das Escolas (UBES);
- Manual de arte e guerrilha urbana (Coletivo Aparecidos Políticos);
- Manual de participação em manifestações (FGV).

À semelhança da obra de Marighella, os manuais têm como conteúdo o estímulo e ensinamento à prática da contestação de determinados aspectos da ordem vigente. Em alguns desses manuais, há no próprio texto a afirmação explícita de que são inspirados no *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*; em outros, essa associação é feita por leitores, normalmente em comentário de crítica negativa a ambos os textos.

Observa-se que não se trata simplesmente da transmissão de um *saber fazer*, mas também da adoção de uma postura de protesto. Assim, no sexto exemplo lemos o trecho: “A partir da *referência e memória* a um dos *livros mais importantes de*



*resistência* à ditadura militar”, que indica uma postura favorável e de admiração em relação ao manual e às ações por ele ensinadas. De modo inverso, o comentário relativo ao manual de ocupação escolar chama Marighella de “terrorista”, em claro posicionamento contrário ao autor e sua obra.

## 2.2 Retomada por associações a conteúdos visuais



**Figura 3:** Manifestações de guerrilha urbana. Disponível em: <http://www.publikador.com/politica/o-lenho-verde/manifestacoes-de-guerrilha-urbana>, acesso em 08/07/2016.

8. Atear fogo em pneus e em ônibus para bloquear vias; bloqueá-las várias e simultaneamente em pontos estratégicos de grande circulação e em horários particularmente críticos. Isto vos parece atos espontâneos de manifestação patriótica por democracia, ou atos coordenados por líderes treinados na mais pérfida cartilha de guerrilha urbana? (...)

Os atos de guerrilha não se limitaram a São Paulo e seguiram o mesmo padrão por todo o Brasil. Estariam eles usando do “Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano”, escrito por Carlos Marighella? Disponível em <http://www.publikador.com/politica/o-lenho-verde/manifestacoes-de-guerrilha-urbana>, acesso em 08/07/2016)<sup>2</sup>.

Vale ressaltar que, no caso do oitavo exemplo, este dificilmente se aplicaria, tendo em vista que a guerrilha urbana não fazia barricadas, pois um dos seus princípios de ação era a realização de atos

rápidos, que pegassem o adversário de surpresa. Ademais, as barricadas são táticas normalmente utilizadas em protestos coletivos de maior duração. O uso do adjetivo *pérfida* para fazer referência a *Manual* acrescenta à associação da imagem uma valoração negativa da obra. Verifica-se, tanto no caso dos manuais quanto das imagens, que os elementos axiológicos são traços essenciais para a produção dos textos de retomada, que se constroem com fortes marcas de posicionamento ideológico.

Se no momento em que o *Minimanual* foi publicado a circulação de textos compostos por diversas formas de expressão era mais restrita, ao longo desses quase cinquenta anos, com o desenvolvimento de novas tecnologias, houve um grande aumento da difusão de textos sincréticos que circulam na rede. Desse modo, encontram-se associações à obra de Marighella feitas a partir de imagens:

## 2.3 Retomada por associação ao conteúdo verbal

A maior parte dos textos menciona a obra de Marighella associando-a a algum aspecto de seu conteúdo, desencadeado por três isotopias principais. A primeira, relativa à memória do período do Regime Militar ou de Carlos Marighella; a segunda, relativa à guerra e à segurança e, por

<sup>2</sup> Todos os grifos, ao longo de todo o artigo, são nossos.

fim, a associação a algum acontecimento da conjuntura contemporânea.

### 2.3.1 Memórias da ditadura e de Marighella

9. Uma das *obras mais divulgadas* de Marighella, o *Minimanual do guerrilheiro urbano* foi escrito em 1969 para servir de *orientação aos revolucionários*. Circulou em versões mimeografadas e fotocopiadas, algumas diferentes entre si, sem que se possa apontar qual é a original. Nesta obra, *detalhou táticas de guerrilha urbana a serem empregadas nas lutas contra governos ditatoriais*. Certamente, *um dos livros políticos brasileiros mais lidos no mundo*. O *minimanual* foi utilizado por diversos grupos revolucionários. Disponível em <<http://oproletario.org/2016/06/13/documentario-marighella-retrato-falado-do-guerrilheiro>>, acesso em 23/06/2016.
10. Isso sem negligenciar a *influência internacional* de Marighella e seu *Minimanual do Guerrilheiro Urbano, guia que correu o mundo e virou cult* nos anos 1960. Traduzido para dezenas de idiomas, é tido como um *clássico da literatura de combate político*, e levou Jean Paul Sartre, admirador do estilo de seu autor e disposição para ação audaz, a publicar artigos seus na revista *Les Temps Modernes*. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11862>>, acesso em 23/06/2016.
11. Não conheci Marighella, porém pela sua obra “Mini-manual do guerrilheiro urbano”, de 1969, observo que Carlos tinha a *alma humilde e libertadora*, assim como “Che”. A diferença entre os dois se baseia apenas em que a revolução cubana aconteceu, enquanto *Carlos morreu tentando acabar com a Ditadura*. Disponível em: <<http://causasperdidas.literatortura.com/2013/11/27/o-quase-che-guevara-brasileiro-103-anos-de-nascimento-e-44-anos-da-morte-de-carlos-marighella>>, acesso em 08/07/2016.
12. Carlos Marighella: sua incursão comunista e o *minimanual do guerrilheiro urbano*. Este livro contém o *principal escrito do guerrilheiro* Carlos Marighella, o “*Minimanual do guerrilheiro urbano*”, o qual o *revolucionário comunista escreveu de modo cabal e peculiar*. Um manual para *nenhum terrorista do mundo botar defeito*. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/CARLOS-MARIGHELLA-COMUNISTA-MINIMANUAL-GUERRILHEIRO-ebook/dp/B0110782HY>>, acesso em 21/06/2016.
13. Mas dentro de todas as *insanidades frutos da megalomania revolucionária* defendida pelo guerrilheiro, seu principal legado bibliográfico é o “*Mini-Manual do guerrilheiro urbano*”, publicado em junho de 1969 com a finalidade de *descrever e doutrinar* os movimentos estudantis em atos contrários ao governo. Disponível em: <<http://blogreaca.blogspot.com.br/2015/07/o-minimanual-do-militante-urbano.html>>, acesso em 23/06/2016.
14. O que tornou Marighella realmente famoso? Pelo que percebi ele não foi um grande teórico do pós-revolução. *A sua maior fama lhe veio com o livrinho Minimanual do guerrilheiro urbano*, em que descreve especialmente as ações mais bem sucedidas do seu grupo guerrilheiro. *Esse livrinho ganha o mundo* e serve de inspiração aos diferentes movimentos, mundo afora. A maior fama lhe veio com esse livrinho, um manual para a ação concreta. Disponível em <<http://www.blogdopedroeloi.com.br/2012/11/marighella-mario-magalhaes.html>>, acesso em 07/07/2016.

A memória do *Minimanual* é resgatada sobretudo através das isotopias da educação e da cultura, surgindo em sites educativos, enciclopédias, sites de arquivos etc.. Há nesses textos pelo menos três consensos: trata-se da obra mais importante de Carlos Marighella, de um livro que discorre sobre táticas de guerra e tem proeminência internacional. As informações vêm geralmente acompanhadas de posicionamentos explícitos, que varia entre mais ou menos contrários ou favoráveis não à obra, mas à luta armada. Os exemplos 09, 10 e 11, mais posicionados em um espectro favorável a Marighella e à guerrilha urbana, assim como outros textos não expostos aqui, ao resgatar o manual, sempre o fazem trazendo o cenário da ditadura ou de outros regimes ditatoriais, apresentando a guerrilha como uma luta pela liberdade, contra a opressão. Além disso, na maior parte das vezes, a apresentação do manual insere-se em um contexto mais amplo, no qual se abordam a vida e a obra de Marighella.

Nesse campo, o espectro daqueles que tendem a ser favoráveis à obra, o *Minimanual* é considerado um “clássico na literatura de combate político”, que detalhou táticas de guerrilha para servir de “orientação aos revolucionários”, e seu autor é apresentado como um “revolucionário” de alma “humilde e libertadora”.

Observa-se que os textos que apreciam positivamente a obra costumam apresentá-la com outras produções do autor, ou mesmo com a sua biografia. Diferentemente do momento de produção do *Minimanual*, o grupo que se remete a ele como uma memória positiva amplia os seus valores, passando a operar com valores de universo. Isso pode ser um sinal da busca de mais alianças e de

saídas para a polêmica que estava sendo vivida naquele momento.

Por outro lado, existem diversos textos que desqualificam a obra e seu autor, como mostram os exemplos 12, 13 e 14. Neles, a obra é apresentada como um “livrinho” ou a principal das “insanidades frutos da megalomania revolucionária”, um manual para “nenhum terrorista do mundo botar defeito”, e serviria para “descrever e doutrinar os estudantes em atos contrários ao governo” e contribuir com o “terrorismo”. A análise dos seis exemplos anteriores mostra uma espécie de espelhamento do mesmo conteúdo empregado por formações discursivas distintas. Para uma formação discursiva, Marighella é um guerrilheiro libertador que lutou contra a ditadura e produziu um livro clássico de combate político, exemplo de obra revolucionária para todo o mundo. Para outra, ele é um terrorista insano que fez um livrinho para a doutrinação do terrorismo, incentivando a luta contra o governo. Observa-se, sobretudo pelos adjetivos selecionados, que os textos que apresentam críticas negativas o fazem de forma mais intensa do que os demais.

### 2.3.2 Discussões sobre guerra e segurança

15. As técnicas, táticas e procedimentos de guerra irregular usados atualmente pelo crime organizado no Brasil foram assimilados pelos revolucionários comunistas na década de 1960 em Cuba, na China, na Albânia e noutros países da Cortina de Ferro.

Posteriormente, o guerrilheiro brasileiro Carlos Marighella os sintetizou escrevendo o Mini manual do guerrilheiro urbano (1969), conhecido e usado pelas principais organizações terroristas e criminosas do mundo, a partir de então. Disponível em: <<http://nucleoconsult.com.br/index.php/antropologia-do-crime-organizado-no-brasil/>, acesso em 23/06/2016).

16. Marighella editou o manual mais completo de guerrilha urbana que o mundo conhece, o *Minimanual* do Guerrilheiro Urbano. Quando fui para a Escola das Américas - onde funcionavam e ainda funcionam todos os cursos que um Exército precisa, desde a formação de comandante, de liderança, de administração até o curso de formação de sargentos, comandos, guerra na selva, etc...em um dado momento, ao entrar na biblioteca para fazer pesquisa pras minhas aulas encontro, como best-seller, o livro de guerrilha do Marighella. Não existe, até hoje, um manual melhor de guerrilha urbana. Disponível em: <<http://erildo.blogspot.com.br/2009/03/depoim>

>, acesso em 08/07/2016.

Foram encontrados ao longo da pesquisa textos publicados em sites ou blogs de instituições voltadas para a segurança, sites ou portais das Forças Armadas que, ao abordar a temática da guerra, mencionam o manual de Marighella como uma obra de referência. Esses textos, como mostram os exemplos 15 e 16, constroem-se com o predomínio do efeito de sentido de objetividade e afirmam que o manual de Marighella é lido e utilizado por diferentes grupos “terroristas” e “criminosos”, como AlQaeda, Estado Islâmico, homens de Sadam Hussein, crime organizado, PCC, entre outros. Há, nesse caso, uma crítica que se constrói com base em um elogio, pois a obra e seu autor são considerados competentes, entretanto, sancionados como *anti-sujeitos* ou *anti-destinadores*.

### 2.3.3 Associação a um acontecimento da conjuntura

A pesquisa revela que a maioria dos textos que remete ao *Minimanual do Guerrilheiro Urbano* é desencadeada por algum *acontecimento* da atualidade. Trata-se de textos que surgem em portais de notícias, sites comerciais e principalmente em blogs. Entre os atos que mais resultaram em remissão à obra, podemos destacar os seguintes:

- 2001: Lula, em ocasião da morte do então prefeito de Campinas (SP), Celso Daniel, diz que ele (Celso Daniel) estará com outros heróis, como Marighella.
- 2011: Comissão da Anistia faz homenagem a Marighella.
- 2012: Marighella é anistiado *post mortem*.
- 2012: Grupo brasileiro *Racionais Mc's* lança a música *Mil faces de um homem leal* (Marighella).
- 2012: Lançamento do livro de Mário Magalhães. *Marighella. O guerrilheiro que incendiou o mundo*.
- 2013: Comissão Nacional da Verdade faz uma homenagem a Marighella.
- 2014: Jacques Wagner, então governador da Bahia, muda o nome de uma escola estadual de Médiçi para Marighella.
- 2015. Lançamento do livro de José Cícero Honorato. *Carlos Marighella sua incursão comunista e o minimanual do guerrilheiro urbano*.
- 2016: em votação do impeachment da então presidente Dilma Rousseff na Câmara dos

Deputados, Glauber Braga, deputado do PSOL, faz uma homenagem a Marighella.

A opção por uma forma extrema de luta provoca geralmente reações calorosas, seja de incompreensão, de repulsa, de admiração, mas quase nunca deixa as pessoas indiferentes. Analogamente, o resgate da memória da luta armada feito em atitudes políticas do grupo que se encontrava no poder também provocou vivas reações:

17. É realmente *uma grande vigarice e desonestidade* Dilma repudiar a homenagem que Bolsonaro fez e não ter repudiado a dedicação que seu amigo do PSOL - Glauber Braga - fez antes de votar. Braga dedicou seu voto ao *terrorista* Carlos Marighella. Marighella defendia abertamente *práticas terroristas e violentas* contra aqueles que não concordavam com suas ideias comunistas. Ele escreveu um manual de 60 páginas, chamado *Manual do Guerrilheiro Urbano*, onde ele mostra para seus amigos *radicais esquerdistas* algumas táticas para *matar de seus opositores*. Em seu manual ele defende *execuções, torturas, emboscadas para executar inimigos, assaltos, sabotagem a trem de passageiros, entre outras barbaridades*. (...)

Não é novidade para o leitor atento que Dilma apoia, homenageia e financia *terroristas e torturadores*. Não é à toa que o PT criou o programa Mais Médicos, que evidentemente não passa de uma estratégia para encher os cofres da família Castro e sustentar o socialismo cubano, o mesmo que matou milhares de inocentes. Dilma também faz vista grossa quando seus *amigos terroristas do MST, MTST ou CUT* fazem declarações afirmando que pegarão em armas para defender o PT. Disponível em: <<http://olharatual.com.br/o-fetico-de-dilma-rousseff-por-terroristas/>>. Acesso em: 08/07/2016.

18. *O que diz no Manual do Guerrilheiro Urbano de Carlos Marighella? Herói da Esquerda?*<sup>3</sup> *Matar, roubar, sequestrar, saquear, explodir e etc.* Essas são algumas das ações que não só foram propostas por Carlos Marighella, como também foram colocadas em prática no Brasil nas décadas de 60, 70 e 80.

Para quem não conhece a história, *Marighella e amigos como Dilma, Genoíno, Dirceu, Aloysio Nunes e etc. foram treinados em Cuba por Fidel Castro e Che Guevara*, com o objetivo de instaurar no Brasil uma *ditadura aos moldes cubanos*. Disponível em: <<http://blogreflexoes.wix.com/reflexoes#!O-que-diz-no-Manual-do-Guerrilheiro-Urbano-de-Carlos-Marighella-Her%C3%B3i-da-esquerda/cjds/572679860cf2d19e2974e9c7>>, acesso em 08/07/2016.

Assim como nos textos relativos à guerra, há associação do manual com diferentes grupos criminosos, os textos de comentários sobre a conjuntura nacional associam o manual ao PT e seus aliados. Esses textos são os que mais fazem citação direta da obra de Marighella, trazendo trechos longos sobre os quais se produzem críticas.

A manifestação da insatisfação intensifica-se com o emprego de adjetivos e expressões adjetivantes como: torpe, insano, tupiniquim, doutrinário, psicopata, contra a liberdade, figura nefasta, livro pernicioso entre outros.

Verifica-se, também, uma disputa semântica de alguns termos. Assim, se por um lado, os textos favoráveis a Marighella frequentemente afirmam que seu manual contribui para a luta contra a *ditadura*, por outro, há associação do manual à *ditadura comunista*, a qual os textos afirmam que os guerrilheiros queriam instalar.

O caráter heroizante dos guerrilheiros é também outro elemento em disputa. Como foi exposto na primeira seção, a obra estudada constrói a figura do guerrilheiro próxima a de um herói e, muitas vezes, eles são também lembrados como heróis. Nesse sentido, existe uma reação a essa memória heroica dos guerrilheiros que se constitui por ironias depreendidas no uso de expressões como: herói da esquerda, grande democrata, todo glorioso, entre outras.

## Considerações finais

Entre 2002 e 2016 o Brasil foi governado pelo Partido dos Trabalhadores, que encontrou uma oposição crescente, a qual se acirrou a partir de 2013 e culminou no impeachment da presidente em 2016. Em tempos polêmicos, de disputa política acirrada, a luta armada voltou à cena enquanto elemento de disputa simbólica.

É sabido e reforçado que muitos membros que compunham o governo do PT pegaram em armas contra a ditadura, entre os quais se destacam o ex-deputado José Genoíno, o ex-ministro José Dirceu e a ex-presidente Dilma Rousseff. Em diversos de seus discursos, a ex-presidente relatou que tinha sido “barbaramente torturada” pelos militares. Quase meio século após terem lutado contra a ditadura, os guerrilheiros encontram-se no poder e reavivam a experiência da luta armada, seja homenageando colegas da guerrilha, seja retomando o tema da sobrevivência à tortura, que se torna símbolo de força, coragem e resistência.

Os oponentes, reagindo, utilizam a obra voltada para a ação contra o inimigo, com fortes traços de ódio a esse adversário; a obra com alto grau de intensidade, com valores de absoluto; a obra que foi projetada como uma “arma” contra a ditadura, para construir a sua “arma” contra o governo petista.

Nossas considerações finais encontram apenas algumas respostas às diversas questões que motivam e seguem motivando a pesquisa. Inicialmente, os comentários ao texto de Marighella vêm quase sempre acompanhados de apreciações positivas ou negativas explícitas, o que se deve ao conteúdo do manual e também ao uso relacionado a ele, aqui entendido como uma *prática semiótica*.

<sup>3</sup>Grifos no original.



Desse modo, a apreciação refere-se ao texto, mas sobretudo às *práticas* envolvidas no mesmo. Poderíamos pensar, assim, em uma transposição e reconfiguração da intertextualidade externa, a qual, por sua vez, é fruto das características internas da obra.

De modo geral, tanto no gênero manual, quanto na associação de imagens ou de conteúdos, o principal elemento transposto parece ser de ordem axiológica. A obra de Marighella, ao ser retomada, dificilmente deixa de trazer consigo uma isotopia de disputa ideológica. Mais do que o conteúdo do texto, parece que o que é retomado é o seu caráter intenso, seus valores de absoluto, sua paixão malevolente contra o inimigo, elementos que se encaixavam bem no momento de disputa política vivido no Brasil entre 2013 e 2016. ●

### Referências bibliográficas

- Barros, Diana Luz Pessoa de  
1988. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual.
- Greimas, Algirdas Julien  
2005. *Significação e visualidade: exercícios práticos*. Porto Alegre: Sulina.
- Fontanille, Jacques  
2008. *Pratiques Sémiotiques*. Paris: Puf.
- Fulaneti, Oriana de Nadai.  
2010. *Utopias em rotação: análise do discurso da esquerda armada brasileira*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH- USP.
- Greimas, Algirdas Julien  
1975. *Sobre o sentido*. Petrópolis: Vozes.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph  
1979. *Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph  
s. d. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix.
- Stange, Veronica Estay  
2014. « Les conditions d’extension du concept d’émonciation », *Actes sémiotiques*, n° 117.  
Disponível sur: <<http://epublications.unilim.fr/revues/as/5201>>
- Zilberberg, Claude  
2004. “As condições semióticas da mestiçagem”. Trad. Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. In: Cañizal, E. P. & Caetano, K. E. (orgs.) *O olhar à deriva*. São Paulo, Annablume, pp. 69-101.
- Zilberberg, Claude  
2006. *Éléments de grammaire tensive*. Limoges: Pulim.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Fulaneti, Oriana de Nadai.

Semiotics and intertextuality: a study of the “Minimanual do guerrilheiro urbano”’s presence on the network between 2010 and 2016

*Estudos Semióticos*, vol. 12, n. 2 (2016)

issn 1980-4016

---

**Abstract:** *This work consists in the investigation of the ways of (re)insertion of a work in the net almost half a century after the emergence of its original version, which occurred in a “pre-internet” moment. The work is the Minimanual of the Urban Guerilla, written in 1969 by Carlos Marighella, and the investigated material is the return to the Minimanual presented contemporaneously in the net. Between the late 1960 and the mid-2010, there were social cultural changes, the emergency of new media and new discursive genres. Given this, some questions arise: what reasons lead to the revival of the work? How does its appropriation happen? Which discursive mechanisms contribute to the explanation of this resurgence? From these and other issues, our objective is to verify the semiotic categories which predominantly remains and those which have changed most by comparing the original text and those which refer to it half a century later, in the process of construction of intertextuality and transmediation, and therefore, understanding the differences and similarities related to the guerrilla’s image and to the organization and functioning of the texts approached. As results, it is observed that the return is motivated by gender, by visual elements and above all, by passionate traits in the original work and reconfigured in the context of the study.*

**Keywords:** *semiotics; intertextuality; Minimanual of the Urban Guerilla; digital discourse*

---

### Como citar este artigo

Fulaneti, Oriana de Nadai. Semiótica e intertextualidade: um estudo da presença do Minimanual do guerrilheiro urbano na rede entre 2010 e 2016. *Estudos Semióticos*. [on-line]. Disponível em: ( <http://www.revistas.usp.br/esse> ). Editores responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José América Bezerra Saraiva. Volume 12, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2016, p. 38-46. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 25/01/2016

Data de aprovação: 20/04/2016

---